

6º ANO TURMA 7

E. P. BARCELINHOS



descoberta de Airó



3)
21.134.3-3A/Z
LU



1882

W. M. B. B. B.
Inc.

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26955

Borabone
Peru.

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
CARTAGENA
N.º 50002

capítulo

1

Acampamento

na

Cova do Lobo

Era o último dia da Semana Cultural na Escola Preparatória de Barcelinhos.

Estava um dia maravilhoso. No céu, de um azul sereno, havia algumas nuvens branquinhas como neve, onde o sol por vezes se escondia, cansado de tanto brilhar. Não havia vento mas corria uma aragem fresca e saborosa.

Os alunos, acompanhados pelos seus professores, passeavam em grupos, visitando as exposições.

Alguns rapazes do 6º 7, sentados num banco de jardim, conversavam animadamente.

— Que bom seria passarmos alguns dias de férias a acampar!

— Mas onde poderíamos ir? - perguntou o Angelo.

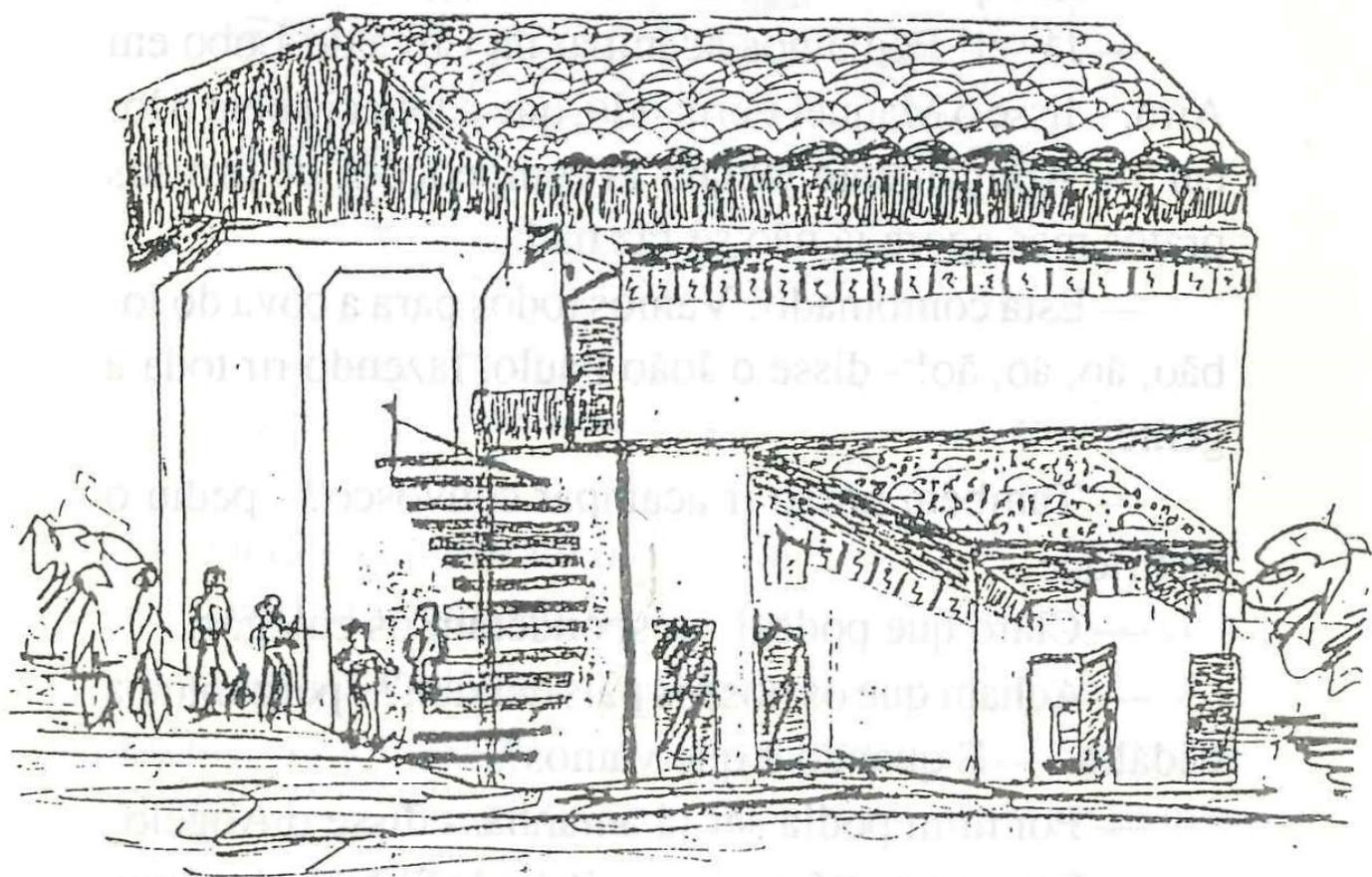
— Não sei. Porque não vamos perguntar aos outros colegas da turma? - sugeriu o Zeca, muito satisfeito com a ideia.

— Eu, há bocado vi o Tozé e o Sérgio perto do 2º pavilhão. - respondeu o Zé Carlos.

— Então vamos procurá-lo propôs o Ricardo - Encontramo-nos no ginásio daqui a meia hora.

— Está bem! Vamos! - responderam todos, correndo em busca dos colegas, muito contentes.

O Zeca encontrou alguns no campo de futebol.
— Vamos para junto do ginásio!
— Que vamos lá fazer? - perguntou o Sérgio.
— Quando lá chegares, já vais ver.
— Também posso ir? - pediu o Henrique, que não pertencia à turma mas era um bom amigo.
— Claro! Que pergunta! - disseram os outros.



Passada meia hora, já todos se encontravam no local, impacientes por saber a razão daquela reunião.

— Que estamos aqui a pasmar? - perguntou o João Paulo, zangado. — Estava tão bem a jogar futebol!

Então o Ricardo tomou a palavra e disse:

— Nós quatro pensamos que seria divertido irmos acampar nas férias de Verão. Pode até ser uma aventura...

— E têm alguma ideia do local onde poderíamos fazer o acampamento? - interrompeu a Ana Marta.

— Aí é que está o problema! - exclamou o Zé Carlos.

— Já sei! Podíamos acampar na Cova do Lobo em Airó. - disse o Manuel Fernando, que conhecia bem o local. — Antigamente faziam lá competições de tiro aos pratos mas agora já não se faz nada.

— Está combinado! Vamos todos para a cova do lobo, ão, ão, ão! - disse o João Paulo, fazendo rir toda a gente.

— Também posso ir acampar convosco? - pediu o Henrique.

— Claro que podes! - responderam os colegas.

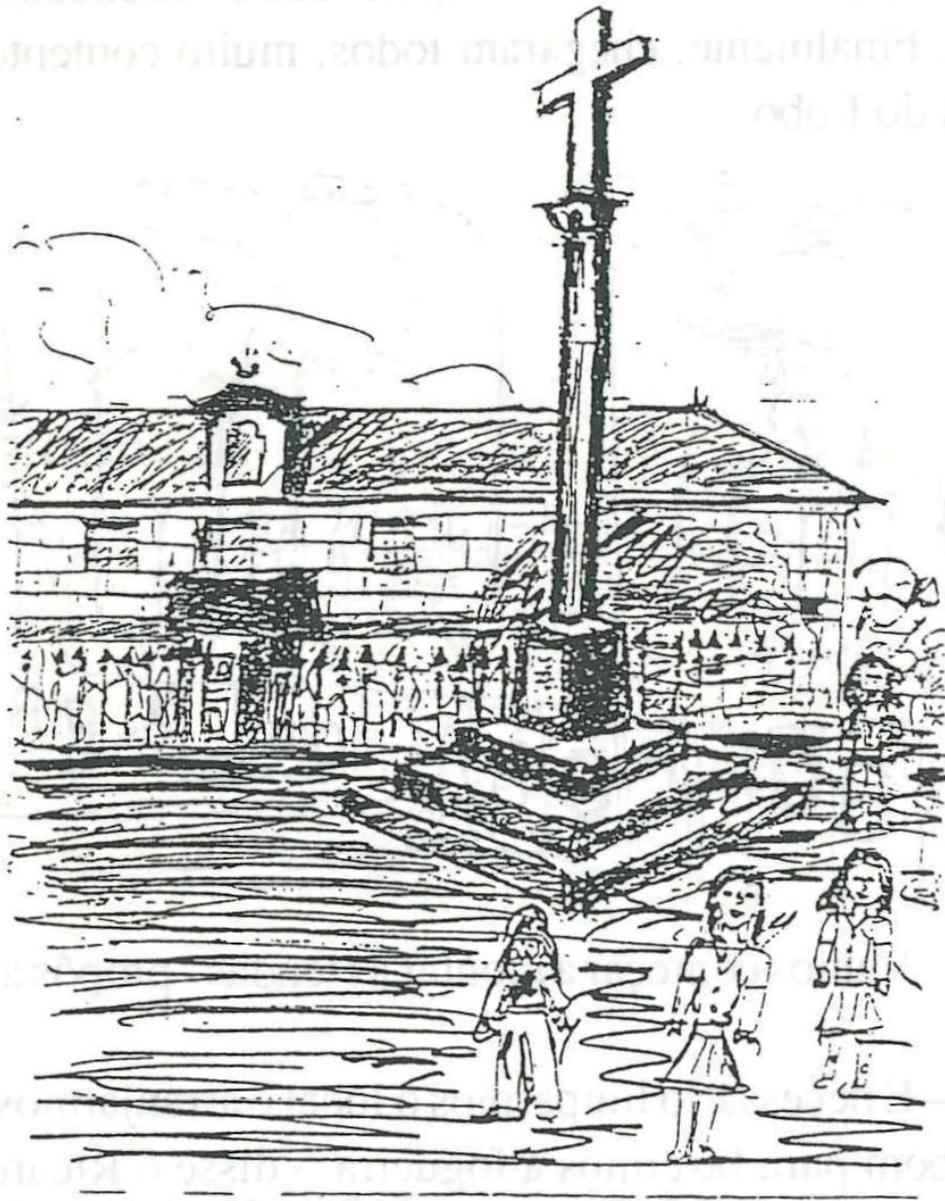
— Acham que os nossos pais deixam? - perguntou a Cidália. — E quando é que vamos?

— Por mim podia ser já amanhã. - disse o Angelo.

— E se aproveitássemos a altura da festa de Airó que é no final de Julho? - propôs a Júlia.

— Boa ideia! Vamos à festa, ó mocidade!

O dia do acampamento finalmente chegou. Tinham combinado encontrar-se no Cruzeiro de Airó, às dez ho-



ras e todos cumpriram o horário.

Dali, partiram pelo monte acima, de mochilas às costas e sorriso nos lábios. Quanto mais subiam, mais deslumbrante era a paisagem. Ao longe avistavam-se grandes serras, que pareciam tocar o céu, onde se viam pequenas manchas brancas que eram as aldeias. Mais próximo, as terras, de um tom amarelado, anunciavam que estavam prontas para as colheitas. Os vinhedos, carregados de cachos, amadureciam ao sol. Perto deles, flores encan-

tadoras, de muitas cores, atapetavam os rochedos e o chão. Finalmente, chegaram todos, muito contentes, à Cova do Lobo.



— Vamos começar a montar as tendas - propôs a Silvia.

— É necessário limpamos o local e arranjamos um sítio bom para fazermos a fogueira. - disse o Ricardo.

— Eu vou ver se encontro algumas pedras!

— Nós vamos buscar lenha! - ofereceram-se o Paulo e o Nuno.

— Parece que há água aqui perto! Nós vamos procurar! exclamaram a Paula e a Sandra

Estavam todos entretidos a tomar o local próprio para acampar, quando chegou o Manuel Fernando, que morava perto.

— Então, estão a gostar? Logo à noite apareçam em casa do meu avó!

capítulo

2

O avô do Manuel Fernando conta algumas lendas...

Estava uma linda noite de luar quando o grupo se dirigiu a casa do avó do Manuel Fernando.

Encontraram-no sentado no terraço, debaixo de uma ramada, com o cão deitado a seus pés. Perto dele, ouvia-se o sussurro de uma fonte. Só o cantar dos grilos e ralos enchia o ar. Tudo o mais era silêncio.

Sr. Joaquim era um homem de idade avançada, alto e forte como um rochedo, calvo e de grandes bigodes. Usava um velho chapéu de abas quebradas, uns socos de amieiro e apoiava-se numa bengala de “escalheiro” mais velha que ele. Os seus olhos eram castanhos como cascas de troncos sem musgo e as suas mãos, rugosas e calejadas, mostravam o duro trabalho da sua vida de lavrador.

O Manuel Fernando, que se encontrava com ele, fez as apresentações.

— Então vocês estão acampados na Cova do Lobo? E não têm medo que vos apareça alguma moura encantada?

— Moura encantada! - exclamaram eles. - E ali há mouras?

Com aquela vontade de conversar, própria de quem vive só, e gostando tanto de crianças como de animais, Sr. Joaquim começou a contar histórias de encantar.

— Antigamente diziam que nesta terra vivido mouros.

Aqui perto há um “crasto” que até tem umas camas e uns buracos nas pedras que parecem as malgas onde eles comiam. Por isso há aqui muitas lendas que falam de encantamentos e de tesouros escondidos. Até há um ditado que diz: “Desde o Outeiro do Crasto até à ponte de Lulão, cem pipas de ouro hão”.

— Isso é que era bestial descobrirmos o ouro escondido! - disse Zeca.

— Podes ter a certeza que não és o primeiro a pensar assim.

Já muitos homens o procuraram mas, que eu saiba, nunca ninguém encontrou nada. Contudo contaram-me que houve lavrador, lá para os lados de Moure que, um dia, quando cavava um campo, encontrou um vaso cheio de moedas romanas.

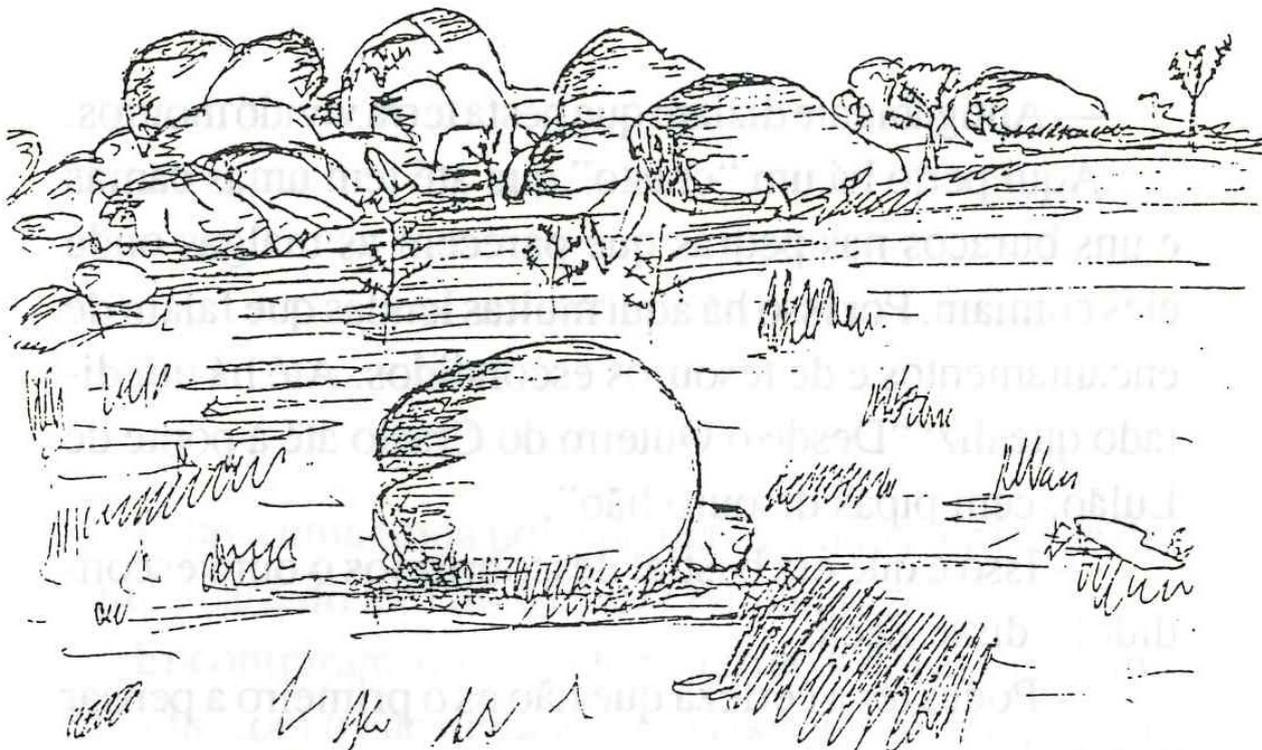
— Parece que o nome de Airó vem de ouro. Dizem que aqui antigamente havia minas desse metal precioso - disse o Manuel Fernando.

— Sr. Joaquim, sabe algumas lendas sobre Airó? - perguntou a Marlene.

— Então conte-nos!

— Perto do sítio onde vocês estão acampados, há um penedo que tem umas letras que ninguém consegue ler. Chama-se o Penedo das Letras. Já contava o meu avó que, uma vez, um homem pôs um sapo à meia noite em cima desse penedo e, quando amanheceu, foi lá e o sapo... tinha-se transformado em moedas de ouro.

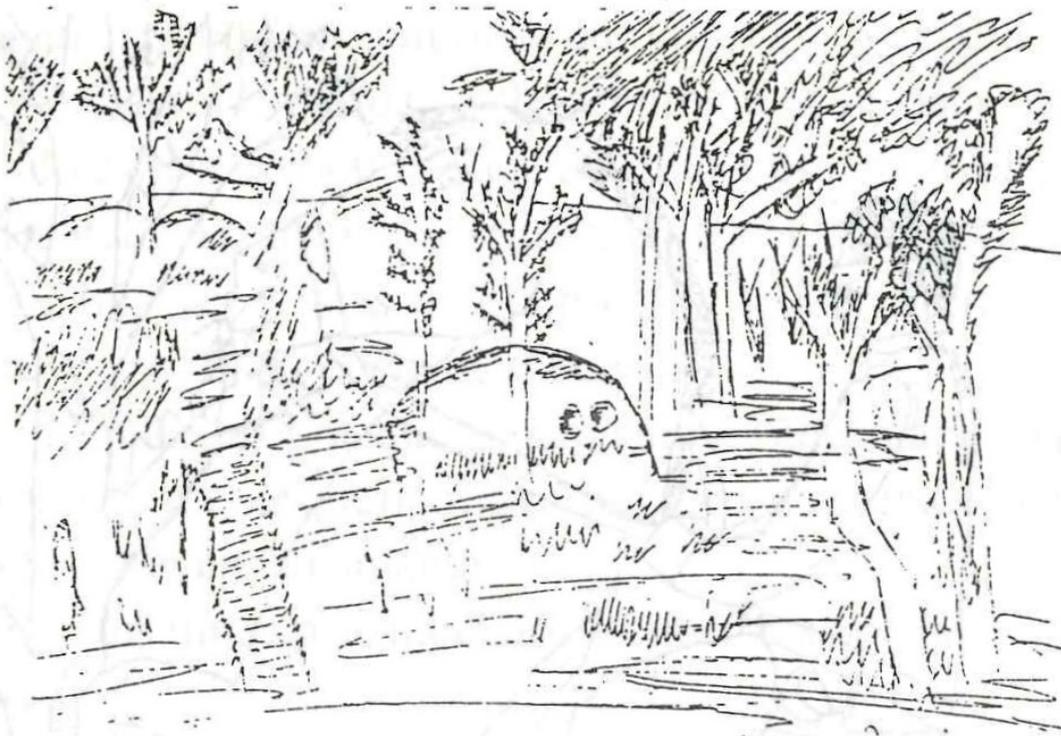
— Que homem sortudo! - disse a Carla, com olhos



brilhantes de excitação.

— Conte-nos sobre as mouras, Sr. Joaquim - pediu a Sandra, ansiosa por saber mais.

— Dizem que havia um rapaz que andava no monte à beira do “Crasto” com vacas “barrosas”. Todos os dias, uma das vacas desaparecia, sempre a mesma, e só voltava a aparecer à noite. Quando chegavam a casa, esta vaca nunca dava leite nenhum. O patrão estranhou o sucedido e mandou o rapaz atar um baraço à pata da vaca e segui-la por onde ela fosse. Quando chegou a altura, a vaca dirigiu-se ao alto do “crasto” e, de repente, abriu-se uma galgueira que levou vaca e rapaz. No fundo, estava um cesto cheio de erva e algumas mouras aproximaram-se para tirar o leite da vaca. Ao verem o rapaz, disseram-lhe que saíssem dali senão que o matavam. Logo que tiraram o leite da vaca, esta veio para fora e o empregado tocou-a para casa. Chegados lá, contou ao dono o que se tinha passado e este, muito aborrecido, resolveu vender



a vaca.

— Há muitos penedos por aqui, Sr. Joaquim?

— Sim, há. E todos têm histórias bonitas. Por exemplo, o Penedo da Hera. Dizem que tem dentro uma moura e que, se a gente lá passar e der um “barrégo”, a moura responde com um gemido.

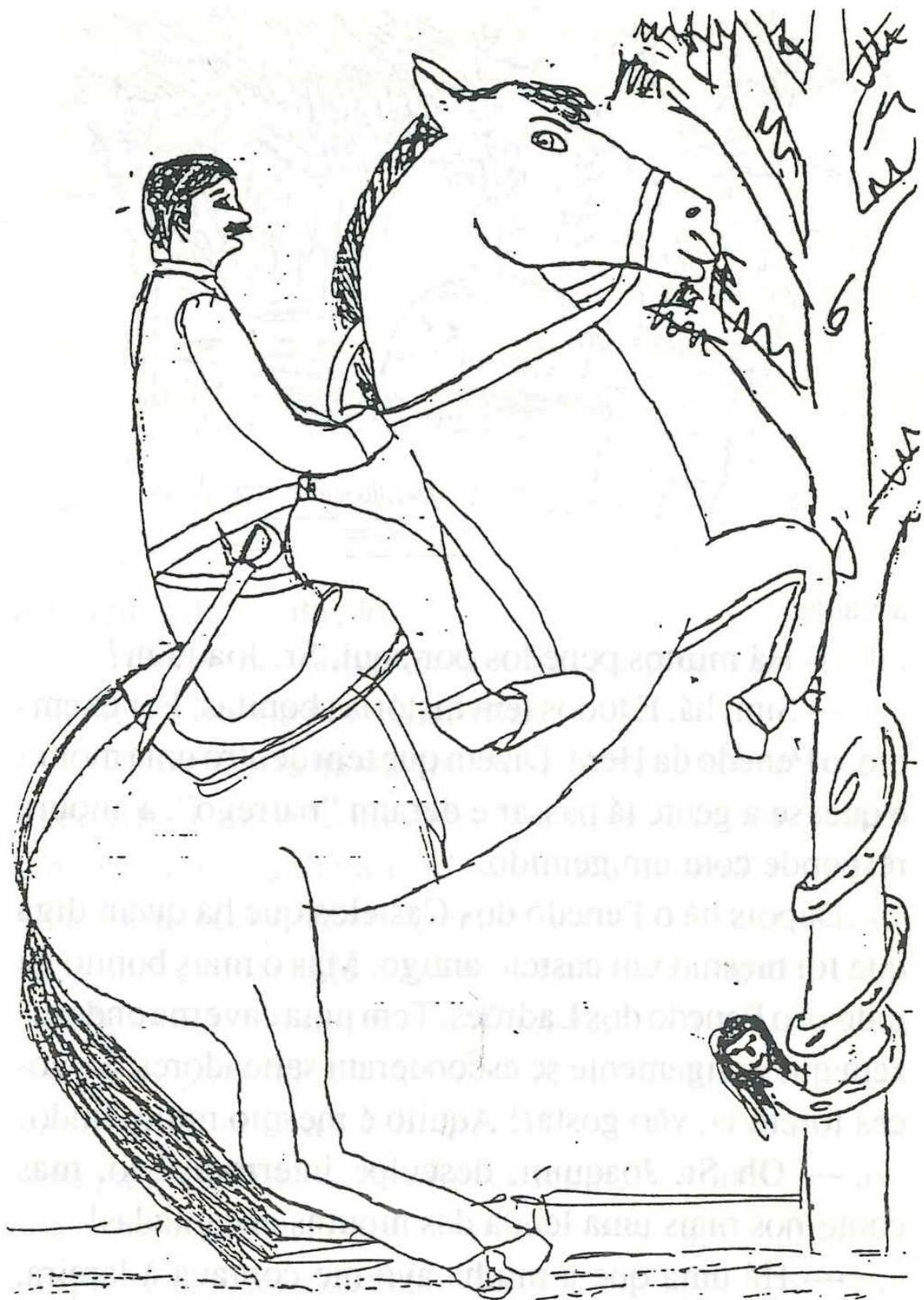
Depois há o Penedo dos Castelos que há quem diga que foi mesmo um castelo antigo. Mas o mais bonito de todos é o Penedo dos Ladrões. Tem uma caverna onde dizem que antigamente se esconderam salteadores. Se vocês forem lá, vão gostar! Aquilo é mesmo muito lindo!

— Oh Sr. Joaquim, desculpe interrompê-lo, mas conte-nos mais uma lenda das mouras encantadas!

— Há uma que a minha avó me contava à lareira, quando eu era pequeno e que me fazia sempre muita impressão e pena.

— Oh conte, conte! - pediram todos.

— Está bem. Uma vez um homem andava a cavalo



por estes montes, quando começou a ouvir um assobio que vinha da ponta de um “clipe”. O cavalo estacou, o homem pegou numa faca que trazia e pôs-se a ver o que seria. Ficou arrepiado quando viu uma cobra com cara de

mulher e cabelos compridos que vinha a descer pelo “clipe” abaixo. Chegada ao chão, enrolou-se na pata do cavalo e disse ao homem que ele tinha três tentativas para a matar, ou pelo menos, fazê-la sangrar. O homem tentou por três vezes mas não conseguiu sequer acertar-lhe, talvez por estar cheio de medo.

Então a cobra, que era uma moura encantada, disse-lhe tristemente que não havia ninguém que a pudesse salvar desse encantamento.

Dirigiu-se pelo meio dos “feitos” e, ao passar, cortava-os.

De repente, desapareceu e nunca mais ninguém a viu.

— Que linda história! - disseram todos.

— Onde aprendeu todas essas lendas? - perguntou a Olga, que até ali tinha estado muito calada a escutar.

— Olhem, eu não sei ler nem escrever. Quando era criança, gostava de ouvir os mais velhos contar histórias e tinha boa cabeça para as decorar. Agora estou velhote e já esqueci muitas coisas.

— O senhor é um excelente contador de histórias!

— Agora à tarde! Vamos dormir que amanhã é dia de “pica o boi”! Apareçam outra vez e cuidado com as mouras encantadas!

— Adeus, Sr. Joaquim e muito obrigado.

capítulo

3

Uma boa ideia e uma notícia emocionante

No dia seguinte, Henrique acordou excitadíssimo pois tinha uma ideia fantástica para passar o dia com os amigos.

— Eh pá, que tal se fôssemos passar o dia no monte e explorássemos os penedos?

— Uau, que fixe! Vai ser mesmo divertido!

— Arranjem o farnel e preparem tudo - ordenou o Sérgio, com voz de comando.

— Mas quem és tu para mandar, menino Sérgio? Se fizemos o farnel, tu arrumas a louça - disse logo a Olga, muito despachada e todos a aplaudiram.

O José Carlos olhava para o relógio, ansioso que tudo estivesse pronto para partirem.

— Vá, deixem-se de lérias e despachem-se. Daqui até ao cimo do monte ainda é um bom esticção.

Já estavam todos reunidos quando ...

— Eh pá, onde é que se meteu o Manuel Fernando? - disse o Paulo José, olhando com sete olhos para todo o lado.

— É sempre o mesmo atrasadinho! - barafustou a Júlia, irritadíssima.

Nesse mesmo momento, ouviu-se um roncar de motor e apareceu o Manuel Fernando, com toda a brasa, na

sua moto.

— Cá estou eu, finalmente! - gritou ele.

— Até que enfim! Mais um minuto e ficavas! - disseram os colegas.

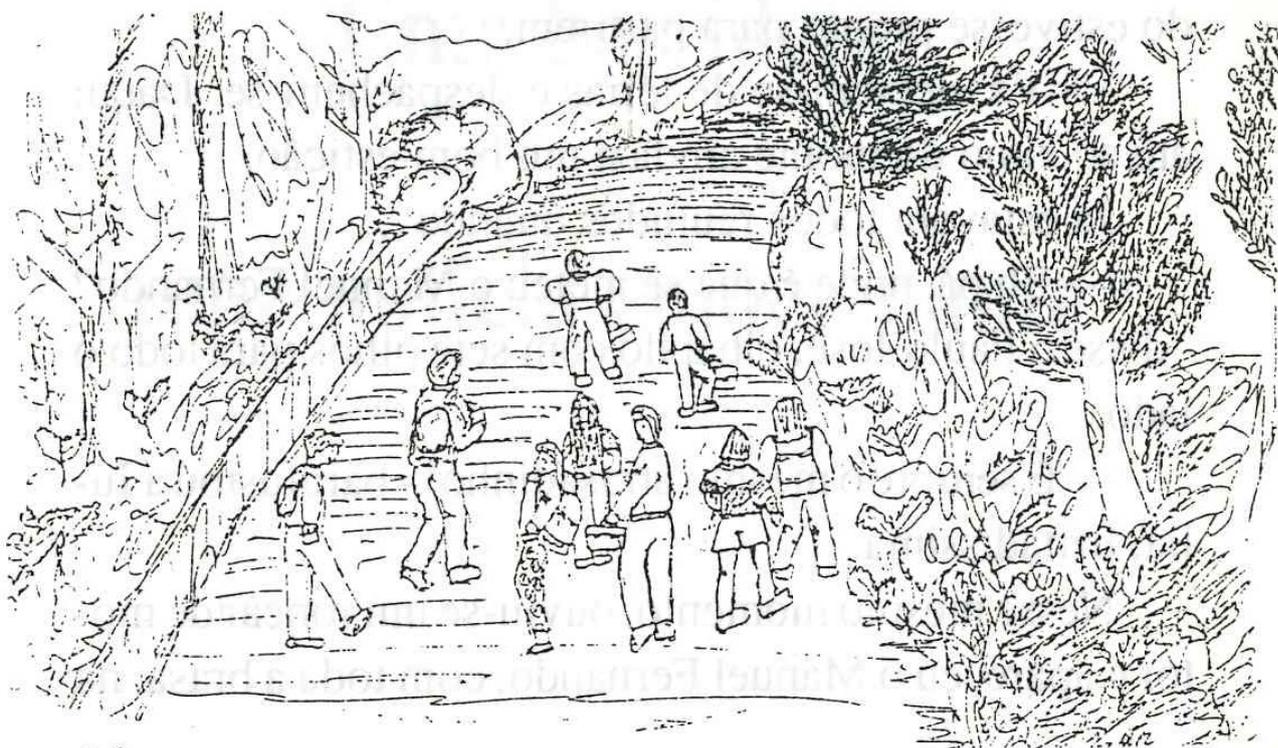
— Deixem-se de conversa e metam pés a caminho. O Manuel Fernando vai à frente, para indicar o percurso. - disse o Ricardo.

— Primeiro, vamos ao Penedo da Hera, que é muito engraçado pois tem uma hera no cimo mas não se consegue ver onde é que as raízes vão dar à terra.

— Esse é o tal que o teu avô falava. Se gritarmos, a moura geme. - disse o Paulo Jorge.

— Eu cá vou gritar até não poder mais. Quero ver!

Conversando animadamente, subiram o monte até ao penedo. Por vezes, era necessário subir a corta mato e aí todo o cuidado era pouco, não só porque a caruma fazia escorregar como também podiam calcar algum “liscranço” ou sardão. Chegaram mesmo a ver um, no meio



das ervas, assim como também avistaram uma cobra que, serenamente, apanhava sol em cima de um rochedo.

Descansado um pouco, sentados nos rochedos, que por ali havia aos montes, chamaram pela moura mas esta, ou não se dignou atender visitantes tão descorteses, ou estaria ocupada com as lides caseiras e teve medo de deixar esturrar o arroz se viesse falar-lhes.

Fartos de chamar por quem não vinha, resolveram continuar o caminho até ao Penedo do Relógio.

— Eh pá, que fome que eu tenho! - exclamou o Vítor, com a barriga a dar horas.

— Vamos comer que já é meio-dia - disse o Manuel Fernando.

— Como sabes? - perguntaram os outros, curiosos.

— Porque este penedo tem gravado um relógio e, quando os raios do sol batem neste ponto aqui, sabemos que é o meio-dia.

Enquanto conversavam, estenderam, num rochedo mais lisinho, uma toalha bordada com galos de Barcelos e, em cima dela, colocaram muitas coisas apetitosas - pão com fiambre, queijo, presunto, salada de alface e tomate, ovos cozidos, frutas e até um bolo de aspecto delicioso, que a mãe do Pedro tinha feito. Para beber, havia vários sumos de fruta e uma água fresquinha de uma fonte que encontraram no caminho.

Como era bom estar estirado ao sol, saboreando aquela magnífica refeição! O silêncio que os rodeava, a paisagem deslumbrante, tudo era uma perfeição!

Depois do almoço, resolveram continuar o passeio

até ao Penedo dos Ladrões, mas oh, que azar! O Fernando, a correr, tropeçou numa pedra e caiu.

— Ai que dores! Acho que tenho um osso fora do sítio! - gemeu ele.

— E agora? Que havemos de fazer? - perguntou a Sílvia.

— Só se o levamos às freiras. - disse logo a Ana Marta, resolvendo o problema.

O Sérgio encarregou-se de o levar na moto do Manuel Fernando. Entretanto, os outros decidiram continuar o caminho até ao alto da serra.

— Ufa, que estafa! - disse o Pedro, cansadíssimo.

— Ah! Ah! Só por vires dali até aqui já não te aguentas nas canetas! - gozou logo o palhacito do João Paulo.

— Cala-te, dentuças! Tens a mania que és forte! - retorquiu o Pedro, dando-lhe um encontrão.

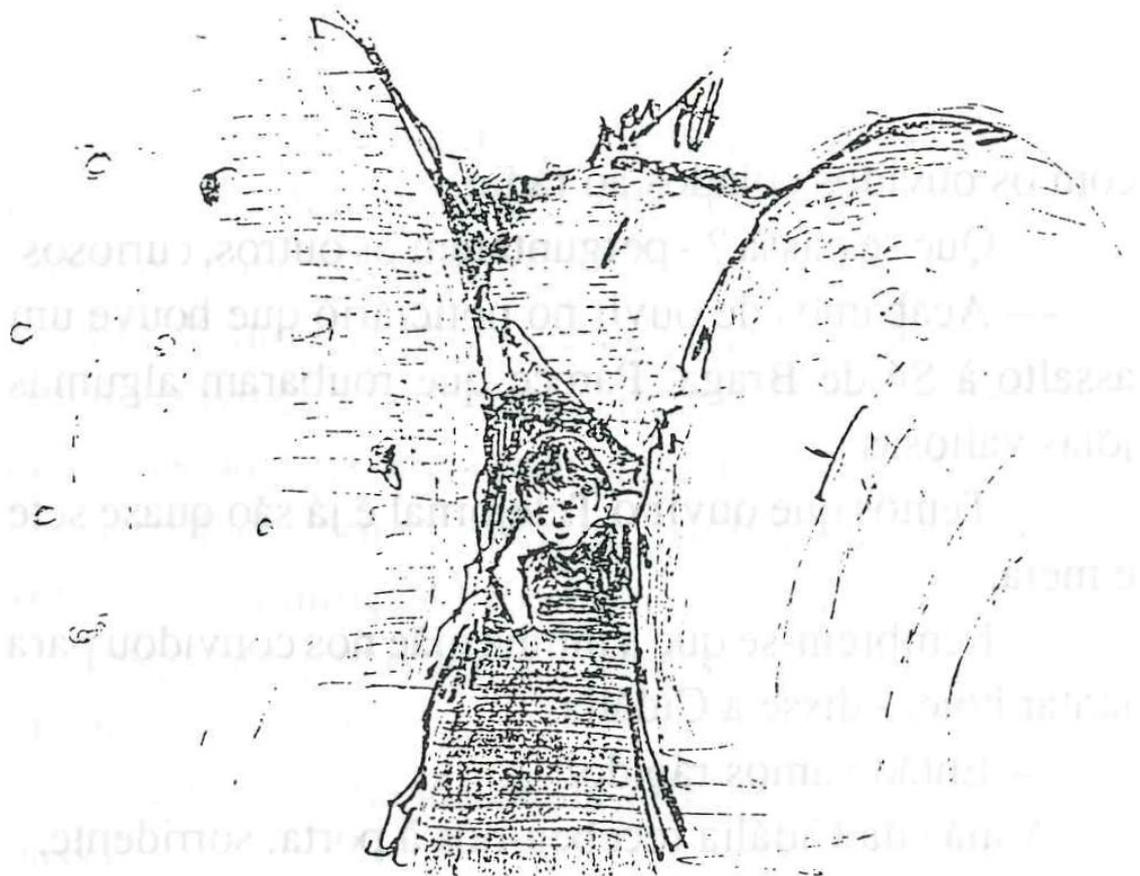
— Já ides começar? - perguntou a Carla, prevendo zanga.

Estavam então no alto do monte, muito próximo do Penedo dos Ladrões. Dali alcançavam com a vista toda a região.

De um lado, conseguiam ver a barragem da Penide, o rio e muitas aldeias espalhadas pelo vale. Do outro lado, avistava-se a cidade de Braga, o Sameiro e o Bom Jesus.

— Estas grandes penedias são um espectáculo!

Havia uma reentrância na pedra que parecia um ca-deirão e, num dos lados dos penedos, existia uma abertura triangular, que ia dar a uma caverna metida na rocha



- a tal de que o Sr. Joaquim tinha falado e que antigamente fora um covil de ladrões.

— O Sérgio e o Fernando nunca mais vêm - lembrou a Sara.

— Às tantas ficaram sem gasolina - disse a Ana Marta.

Ainda estiveram ali mais algum tempo, admirando a paisagem mas, como os dois não apareciam, resolveram voltar para o acampamento por outro caminho que passava por uma capela no alto do monte.

- Esta é a capelinha da Boa Fé - disse a Susana, toda orgulhosa por estar a falar da sua terra. Há aqui uma festa todos os anos. Iluminam a capela, põem música muito fixe e fazem jogos como o tiro aos pratos.

- Que linda vista!

Entretanto iniciavam a descida do monte em direcção ao acampamento. Quando chegaram, esperava-os uma surpresa. O Sérgio e o Fernando encontravam-se lá,

com os ouvidos colados ao rádio.

— Que se passa ? - perguntaram os outros, curiosos.

— Acabamos de ouvir no noticiário que houve um assalto à Sé de Braga. Parece que roubaram algumas jóias valiosas.

— Temos que ouvir o Telejornal e já são quase sete e meia.

— Lembrem-se que a minha mãe nos convidou para jantar hoje. - disse a Cidália.

— Então vamos rápido!

A mãe da Cidália recebeu-nos à porta, sorridente.

Era uma senhora baixa e um pouco forte. Os cabelos, curtos e com permanente, ficavam-lhe bem e tinha uns olhos castanhos, muito vivos, no rosto liso e rosado como uma maçã. Muito simpática e trabalhadora, sempre pronta a ajudar as pessoas nos seus problemas diários, era, além disso, uma óptima cozinheira.

— Mãe, podemos ligar a televisão - pediu a Cidália, logo que entraram.

— Mas são quase horas de comer.

— Só queríamos ouvir uma notícia.

Mal ligaram o aparelho, apareceu no écran um locutor, anunciando que o Tesouro da Sé de Braga tinha sido assaltado e várias jóias roubadas, de entre as quais, um valioso cálice manuelino, em prata dourada, do século XVI e uma píxide de D. Rodrigo de Moura Teles em prata dourada também. A polícia pensava ter sido obra de um grupo de ladrões internacionais, que se disfarçaram de turistas e entraram no Tesouro da Sé.

Os jovens ficaram muito entusiasmados com a notícia e resolveram no dia seguinte comprar o jornal para saberem mais pormenores.

Entretanto a dona da casa chamava para a mesa. O jantar estava divinal: batatas cozidas “com a tona”, sardinhas assadas na brasa com pimentos e uma grande salada de alface, tomate e pepino. No final, um belo caldo verde com chouriça e broa feita em casa.

Enquanto jantavam, a conversa decorria animadamente.

— E se amanhã fôssemos a Braga, à Sé ver o que se passa?

— Cidália, não te esqueças que no próximo domingo é a festa de Nossa Senhora do Rosário e precisamos da tua ajuda para fazer as cordas e os arcos.

— Ai, nós também temos que ajudar - disseram a Júlia e a Ana Marta.

— O melhor é dividirmo-nos em dois grupos. Uns ficam a tratar dos preparativos para a festa e os outros vão dar uma olhada à Sé, ver se conseguem visitar o Tesouro e descobrir alguma pista.

— Boa ideia!

capítulo 4

Visita à Sé de Braga

No dia seguinte, levantaram-se muito cedo, entusiasmados com a ideia de ir à Sé. Tomaram o pequeno almoço apressadamente e foram para a paragem do autocarro.

Quando chegaram a Braga, meteram por umas ruas estreitas e foram desembocar no largo da Sé, onde reinava uma grande confusão. Havia polícias na porta de acesso ao Tesouro e só deixavam entrar pequenos grupos, com receio que fossem roubados mais objectos.

Quando finalmente chegou a sua vez, entraram por uma porta enorme e muito antiga, que os guias se apressaram a fechar, nas suas costas. Conforme iam passando de sala em sala, acontecia sempre a mesma coisa - as portas fechadas à chave. Começaram por visitar um pátio onde se encontravam lindas pedras muito antigas, algumas com desenhos e inscrições. Nas salas que o guia lhes foi mostrando havia peças deslumbrantes: paramentos de várias épocas, bordados a ouro e prata, muitas peças de carácter religioso que se encontravam em vitrines iluminadas. Havia vestes sacerdotais completas, com sapatos e tudo. De entre todas, houve uma que lhes despertou a atenção. Pertencera a um arcebispo que somente media 1.20 m de altura e que, por isso, usava sapatos de tacão

alto. Mas não só as peças eram dignas de se ver. Os tectos pareciam verdadeiros tapetes bordados com flores muito belas. Nas paredes, quadros a óleo e azulejos representando cenas da vida de santos, em tons de azul e branco, eram encantadores, embora alguns deles já estivessem um pouco gastos pelo tempo. Só havia um senão em toda aquela riqueza: algumas peças estavam deterioradas e havia colunas sem nenhuma estátua em cima.

Enquanto visitavam as várias salas, entabularam conversa com o guia, que era extremamente simpático e sabia muito da história da Sé.

— É verdade que houve aqui um assalto? - sondou a Marlene, como quem não quer a coisa.

— Sim, e roubaram peças muito valiosas que nunca mais poderão ser substituídas.

— Estas colunas não têm nada em cima? Também roubaram o que aqui estava?

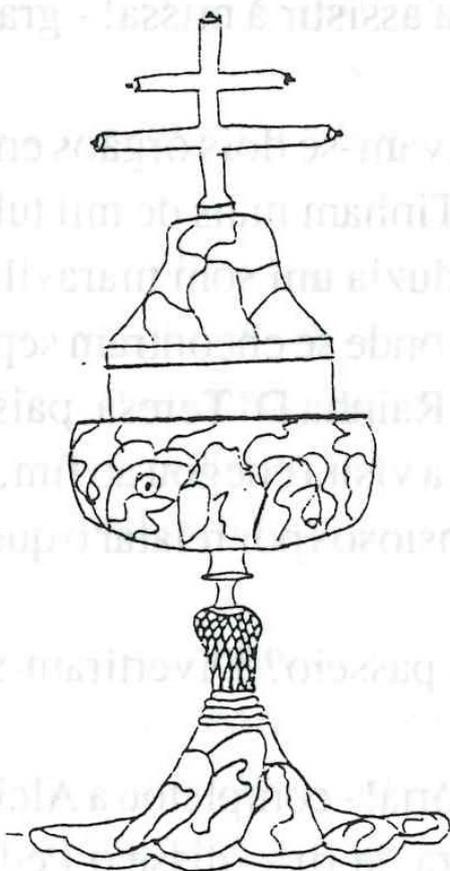
— Não. Essas colunas faziam parte de antiga estrutura da Sé. Os ladrões roubaram dois cálices em prata dourada, que eram muito antigos e a cruz com que se celebrou a primeira missa no Brasil.

— E já têm alguma pista sobre os ladrões?

— Por agora não, mas a polícia internacional está a fazer investigações. Decerto que não conseguirão sair do país.

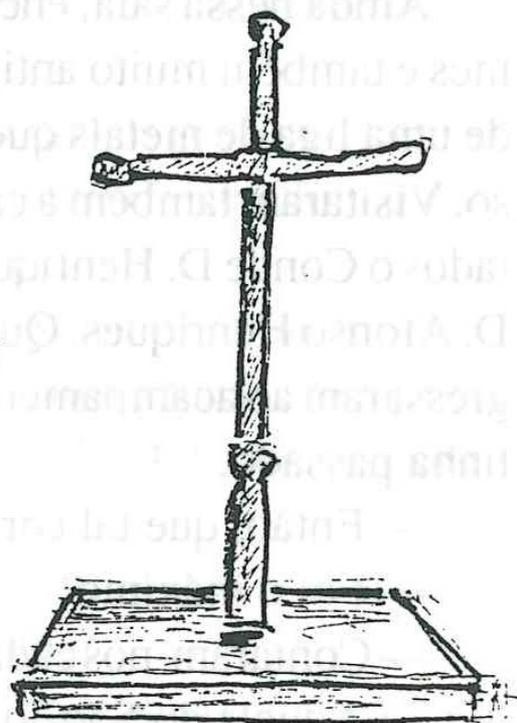
— Será que os ladrões já venderam as peças?

— Esperemos que não. Contudo há sempre coleccionadores pouco escrupulosos, capazes de comprar peças, mesmo sabendo que foram roubadas.



Píxide

imag



Cruz do Brasil

Enquanto conversavam, entraram numa sala que depois se aperceberam ficar mesmo por cima da igreja e que servia não só para os padres e cónegos assistirem à missa mas também para reuniões - era a Sala do Capítulo. Lá havia uma bancada muito original pois permitia duas posições: a de sentado, e outra, mais alta, para que a pessoa se pudesse recostar quando estivesse cansada de estar de pé. O guia explicou:

— Quando se liam as laudes, os sacerdotes tinham que estar de pé mas alguns havia que se recostavam nestes banquinhos e ninguém notava, graças às batinas que

eram largas e escondiam os joelhos dobrados.

— Assim não custava nada assistir à missa! - gracejou a Sílvia.

Ainda nessa sala, encontravam-se dois órgãos enormes e também muito antigos. Tinham mais de mil tubos de uma liga de metais que produzia um som maravilhoso. Visitaram também a capela onde se encontram sepultados o Conde D. Henrique e a Rainha D^a Teresa, pais de D. Afonso Henriques. Quando a visita chegou ao fim, regressaram ao acampamento, ansiosos por relatar o que se tinha passado.

— Então, que tal correu o passeio? Divertiram-se?

— Foi o máximo!

— Contaram-nos cada história! - completou a Alcina.

— Aquela do São Jorge era de rir! - disse o Pedro.

— Então contem! No fim do jantar queremos ouvir tudo! - pediu a Júlia, que tinha ficado a ajudar a fazer os arcos para a festa de Airó.

Depois do jantar, sentados à roda da fogueira, contaram as histórias engraçadas que tinham ouvido da boca do guia.

— Quando estávamos numa das salas, vimos uma sela muito antiga. O guia explicou-nos que pertencera a São Jorge e que costumava servir nas procissões. Contudo São Jorge, que era feito de madeira e oco por dentro, de tanto roçar com as pernas na sela, abriu um buraco numa delas onde os ratos se foram alojar. No dia da procissão, quando o Santo, montado no seu cavalo, percorria as ruas da cidade de Braga, um rato saiu do ninho e mordeu

no cavalo que, com a dor, deu dois pinotes e atirou com o Santo ao chão, partindo-lhe as pernas de madeira, já carcomida. Os ratos, vendo a sua casa perigo e o caminho aberto, desataram a fugir pelo meio da multidão que assistia.

— Imaginem agora o susto que as pessoas apanharam ao verem-se cercadas pela rataria! - concluiu o Fernando, no meio de gargalhada geral.

— E quanto ao assalto, souberam alguma coisa?

— Nada. Bem tentámos investigar mas toda a gente se fechava em copas! E vocês que ficaram aqui a fazer? - perguntou a Marlene.

— Arcos para a festa, ora! Parece que este ano vai haver teatro e um conjunto a actuar.

— Mas no domingo é que é giro com a procissão! Eu vou de figurada! De Santa Marta!

— Ah, Ah, Ah, a Ana Marta vestida de Santa Marta! Ai que santinha de pau carunchoso tu me saíste! - disse o João Paulo, mais uma vez a gozar.

— Paulinho, Paulinho, goza, goza! Mas não te esqueças que quem ri por último, ri melhor.

— Eu gostava era de ir de São Jorge a cavalo e com uma espada na mão!

— Olha, sabias que ele é o padroeiro desta freguesia?

— Só que aqui não anda a cavalo mas a pé!

— Porquê?

— Olhem, deixemo-nos de conversas e vamos até Airó ouvir os conjuntos!

— Ok, vamos todos!

capítulo 5

Vamos caçar gambuzinos

Na noite seguinte, já meio esquecidos do roubo, os jovens resolveram pregar uma partida ao brincalhão do João Paulo, mais conhecido por JP, que também gostava de as pregar.

— Mas que tipo de partida? - perguntou a Ana Marta, desejosa de retribuir o gozo do dia anterior.

— A minha sugestão é convencer o JP de que existem gambuzinos e levá-lo lá cima ao monte esta noite - disse a Alcina, que tinha sempre ótimas ideias.

O esquema em breve ficou montado e logo os jovens se dirigiram ao JP para lhe falar sobre a caça.

— Também vós só gostais de me mentir! - disse ele, desconfiado da marosca.

— Não JP, é a sério !

— Pois é! São tão bons assados!

— Olhem, eu aprendi um molho especial para gambuzinos, com a minha mãe, que é uma delícia - acrescentou o Paulo José.

— Deixa-me rir! Um rapaz a cozinhar!

— Ora, tu nem isso sabes fazer!

A conversa ameaçava azedar, por isso a Ana Marta voltou ao ataque.

— Então, vamos ou não?

O JP, que era muito engraçado mas um bocado ingénuo, ao ouvir isto, caiu que nem um patinho.

Por volta das onze horas estava tudo pronto. A Sara, a Paula e a Sandra, que eram habilidosas, já tinham preparado o naco da marmelada, o saco de serapilheira, o apito próprio para atrair o animal e vários varapaus, que serviam para bater nas moitas e assim o espantar. Disseram ao JP que teria que ficar a segurar na marmelada, prato preferido do gambuzino e, de vez em quando, soprar com força no apito. Eles iriam batendo nos arbustos, para de lá o desalojar.



Com esta conversa, foram-se afastando do local com o objectivo de assustar o colega, deixando-o sozinho no meio do monte.

Rindo da brincadeira, voltaram para o acampamento onde se entretiveram a comer e a jogar cartas, durante bastante tempo.

— Será que ele se estará a divertir tanto como nós?

— Deve estar cheio de medo. O melhor é irmos chamá-lo! - disse a Olga.

Subiram o monte e, pelo caminho, encontraram uma lebre que fugiu assustada.

— Será que aquele gambuzino vai ter com o JP ? - perguntou o Carlos, com cara de gozo.

Enquanto conversavam, chegaram ao local onde tinham deixado o amigo e lá estava o saco vazio e o naco de marmelada, atirado para o chão mas... onde estaria JP ?

Chamaram por ele, em altos berros mas somente o eco repetia as suas vozes que, de repente, se iam tornando assustadas.

— Que se passa ? Será mais uma partida?

— JP ! JP ! Responde! Por favor!

capítulo

6

Onde está o JP?

Cansado de tanto apitar e de chamar pelos colegas que nunca mais apareciam, JP decidiu sentar-se num pedregal e esperar que viesse alguém buscá-lo.

De repente, fizera-se um silêncio tão grande e a escuridão era de tal ordem que o rapaz começou a ficar assustado. As histórias de mouras encantadas, que ouvira dias antes, vinham-lhe à cabeça, assim como outras, de lobos esfomeados que apanhavam os caminhantes desprevenidos. Que fazer?

Não se atrevia a chamar, não fosse a sua voz acordar a mata adormecida. Podia andar ao acaso mas a noite era tão negra que se arriscava a partir a cabeça se batesse contra algum rochedo, que era o que ali havia mais. Os colegas tinham sido maldosos com ele mas será que não o merecia, depois de tanta troça que fizera e de tantas partidas que pregara?

Com o coração apertado e cheio de remorsos, dispunha-se a procurar um lugar para se esconder quando, de repente, lhe pareceu ouvir um som fundo que a princípio não reconheceu. Que barulho seria aquele que se aproximava?

Ficou quieto, escondido atrás do rochedo, esperando. Havia qualquer coisa que vinha ao seu encontro. No



meio da escuridão, uma luz se aproximava, por entre o arvoredo cerrado da mata. A medida que o barulho aumentava, distinguiu perfeitamente que se tratava de um carro, ou melhor de um jipe que, devagarinho, subia a serra. Um jipe, ali àquela hora da noite? Que estranho! Para onde se dirigiria?

Que pena os amigos o terem abandonado! Sozinho não se atrevia a segui-lo... Mas de repente ... Estaria a sonhar ou era vozes que ouvia?

Chamavam-no! Depressa, é preciso descobrir o que faz um jipe no alto do monte, a estas horas da noite!

Rapidamente se dirigiu ao encontro dos outros e os pôs ao corrente do sucedido.

— Um jipe, a estas horas? Que estranho! Será para provocar incêndios nas matas?

A correr, tentaram seguir o caminho indicado por JP e verificaram que aquele era o trilho que levava ao Penedo dos Ladrões.

Estavam exaustos e resolveram voltar para trás. Pelo caminho alguém lembrou:

— E se fossem os ladrões do Tesouro da Sé?

— Amanhã é a festa e não temos tempo de investigar mas, segunda-feira, logo de manhã, vamos até lá acima ver se descobrimos alguma coisa.

Mal sabiam eles que, antes disso, estariam envolvidos na mais fantástica aventura das suas vidas

Heráclito descobriu
uma pista

capítulo

7

Henrique descobre uma pista

No dia seguinte, logo pela manhã, havia grande azáfama no acampamento da Cova do Lobo com os preparativos para a festa de Airó.

— Vá lá, despachem-se que eu quero chegar cedo!

— E se fôssemos de bicicleta? - disse o Pedro, todo entusiasmado.

— Boa ideia! Chegávamos mais depressa!

O centro de Airó estava todo enfeitado com arcos e fitas multicores. Ouvia-se música que vinha dos altifalantes instalados no cruzeiro e na igreja. As ruas estavam apinhadas de gente que àquela hora da manhã se dirigia para a missa.

Junto ao cruzeiro, havia várias tendas montadas, onde se vendiam doces, pipocas, gelados, brinquedos e até peças de vestuário. O grupo resolveu estacionar as bicicletas por trás do cruzeiro, num local a isso destinado.

Em seguida, dirigiram-se à igreja paroquial para assistirem à missa e verem os andores, que estavam um primor, todos enfeitados com flores.

— Olha o andor de São Jorge!

— É o padroeiro de Airó!

Depois das cerimónias religiosas, foram dar uma volta pelas ruas até que a Isabel se queixou:

— Tenho tanta sede! E se fôssemos beber qualquer coisa ali naquele café?

Depois de beberem um sumo, dirigiram-se para perto do palco onde um grupo de músicos ensaiava a sua actuação. A música era boa e por isso ali se deixaram ficar um bocado.

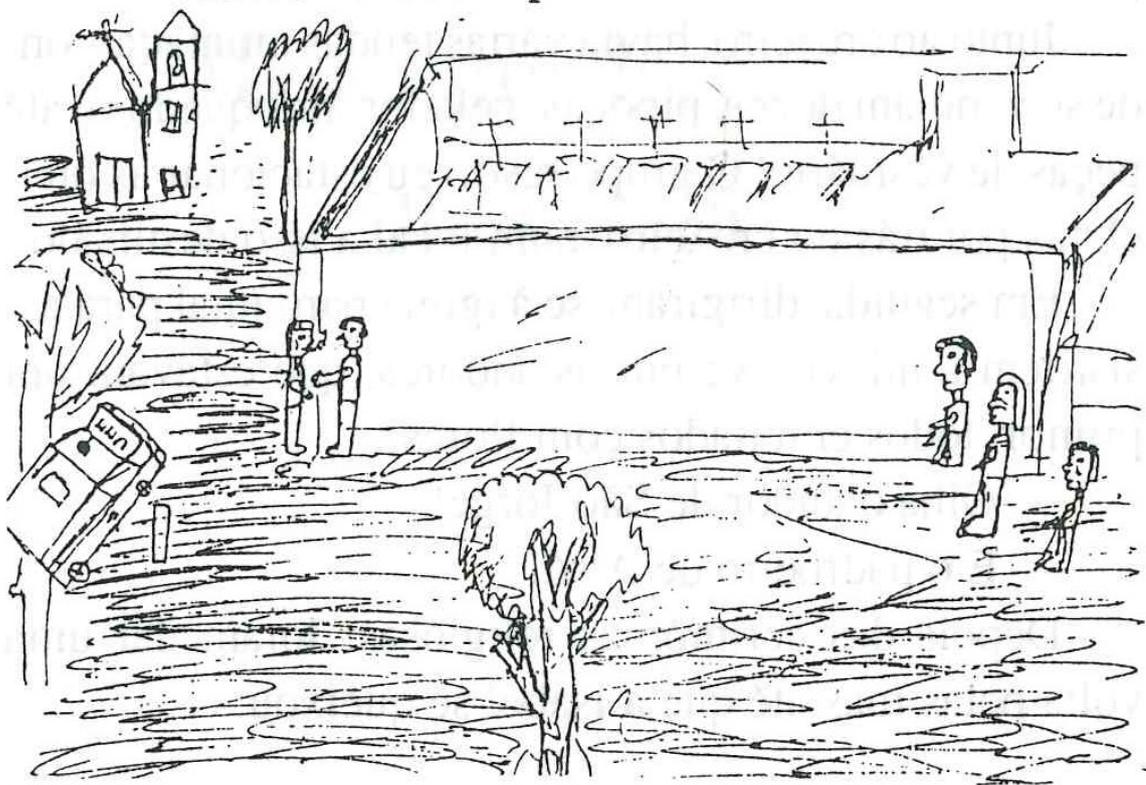
Nisto, o Henrique, que tinha ido dar uma volta, chegou muito esbaforido.

— Ali perto do cemitério estão dois sujeitos bem esquisitos!

— Porque dizes isso?

— Imaginem que estavam atrás do muro a cochichar e, quando eu passei, começaram a falar alto, sobre o tempo. Eu achei estranho e resolvi dar a volta pelo outro lado e escutar o que eles diziam. Apesar de falarem muito baixo, pareceu-me que se referiam ao Penedo dos Ladrões e que combinavam lá ir.

— Vamos ver se são pessoas cá da aldeia. Onde dis-



seste que os viste?

— Junto do cemitério. Ainda lá devem estar!

Quando chegaram ao local...

— Não, nunca os vimos por cá. Devem estar só de visita.

Os dois homens estavam tão entretidos na conversa que nem repararam que estavam a ser observados minuciosamente. Tinham ambos um ar horroroso: cabelos compridos e descuidados, barba de muitos dias e um grande aspecto de desleixo. O mais assustador era alto, de barba preta, olhos bogalhudos e com olheiras; parecia que já não dormia há anos. Tinha uma cicatriz na cara que ainda o desfejava mais. O outro era mais baixo, magricelas mas tinha um grande nariz que estava sempre a assoar com um enorme lenço aos quadrados.

Nisto o João Paulo deu um salto:

— Vocês podem não acreditar mas eu conheço aquele jipe que está perto deles. Foi o que eu vi a subir a serra ontem à noite.

— Tenho uma ideia! Vou esperar que eles se afastem e vou-me meter na mala do jipe. Vocês ficam à coca e, se eles arrancarem para o penedo, como julgo que farão, seguem-nos de bicicleta, ok? - disse o Henrique.

— Ai, Ai, já estou cheio de medo! Cuidado que eles podem ser perigosos!

— Acho que nos estamos a meter num grande sari-lho! - disse a Olga. — Não será melhor esquecer tudo?

— De jeito nenhum! Agora é que está a ficar quente ...

capítulo 8

Os ladrões descobrem o Henrique

O Henrique e o João Paulo tinham razão quando acharam esquisita a atitude daqueles dois desconhecidos que, no meio de uma festa, se afastavam de todos para conversar. A ideia de se meter na mala do jipe e descobrir o que é que aqueles dois andavam a tramar foi aceite pelos companheiros que se apressaram a sair dali, para não dar nas vistas e deixaram o Henrique sozinho tentar entrar despercebidamente na mala. A ocasião apareceu quase logo quando o gordo convidou o outro, que se chamava Tone, a ir beber uma cerveja ao café do largo do cruzeiro. Henrique verificou se não haveria ninguém por perto e, rapidamente introduziu-se na mala.

Passou ainda bastante tempo antes que os dois homens saíssem do café e se dirigissem ao jipe mas, finalmente isso aconteceu. Puseram o carro em andamento e, muito devagar, como quem não quer ser notado, dirigiram-se para fora de Airó pelo caminho que levava à serra.

Henrique, encolhido na parte de trás, metido debaixo de um cobertor, nem ousava respirar com medo de ser apanhado. O pó, que o cobertor tinha entranhado, fazia-lhe cócegas no nariz que ele apertava entre os dedos, com vontade de espirrar.

Chegados ao Penedo dos Ladrões ...

— Pá, lá dentro está tudo em ordem!

— Então, vamo-nos embora !

Naquele momento, Henrique, sufocado com o pó, não conseguiu aguentar mais e ... Atchim!

— Não ouviste nada!

— Pareceu-me ouvir um espirro.

— Veio do jipe!

Rapidamente dirigiram-se para a mala que abriram. Afastado o cobertor, lá estava o Henrique, de olhos estarecidos a olhar para eles.

— O miúdo do cemitério! O que é que estás aqui a fazer?

— Nada - disse ele, amedrontado.

— Nada? Isto cheira-me a esturro. Confessa o que queres ou levas já quatro chapadas que nem te endireitas mais.

— Soube que têm em vosso poder as jóias do Tesouro da Sé e eu conheço alguém que está interessado em negociar.

— Que lindo! Tentando passar-nos a perna. O melhor é prendê-lo aqui junto com as jóias.

— Sim, acho melhor, não vá o rapaz entregar-nos à polícia.

Henrique viu-se empurrado para dentro da caverna e logo ali foi amarrado e amordaçado.

Junto dele, havia caixotes de vários tamanhos e feitiços onde imaginava estarem peças de vários assaltos feitos nas redondezas.



Os ladrões, já no exterior, combinavam a melhor maneira de transportar aquele tesouro para fora do país.

Henrique, dentro da gruta, rezava a todos os santos para que os amigos lhe acudissem.

Entretanto os outros jovens tinham-se dividido em dois. Uns desciam já o monte, a grande velocidade, para chamar a polícia enquanto os outros, atrás dos penedos, espiavam os passos dos ladrões que, sentados à beira da caverna, discutiam acaloradamente.

— E o rapaz? Decerto vão dar por falta dele.

— Temos de despachar o serviço esta noite. Depois soltamo-lo pois já não pode ser-nos prejudicial.

— Cá por mim deixava-o a apodrecer na caverna - disse o mais forte, que tinha mesmo cara de assassino. — Para aprender a não se intrometer.

Henrique, dentro da caverna, ia ouvindo discutir a sua sorte, tremendo como varas verdes. E os amigos que nunca mais vinham!

Entretanto, escondidos atrás dos penedos, os outros pensavam na melhor maneira de apanhar os gatunos e libertar o Henrique.

— Se a gente conseguisse assustá-los e empurrá-los pelo monte abaixo ...

— Olha que se eles se dirigissem para aquele lado, sei eu o que lhes acontecia. Iam ter ao campo onde o meu pai tem os cortiços e aí é que eu queria ver!

— Vamos tentar cercá-los e fazer tanto barulho que eles desatem a fugir.

— Eu tenho aqui umas bombinhas de carnaval que fazem imenso barulho! - disse o João Paulo, procurando nos bolsos sempre cheios de marotices.

— Vamos tentar! Quem sabe ...
PUM ! PUM ! PUM !

— Que barulho é este? Foge Tone!

capítulo

9

As abelhas atacam os fugitivos

Os ladrões, ao ouvirem aquilo que julgavam ser tiros, desataram a correr pelo monte abaixo, em direcção ao caminho mas ...

Oh maldição! Por esse mesmo caminho subiam nesse momento dois jipes da GNR mais uma quantidade de bicicletas.

Que fazer?

— Vamos é pôr-nos a andar, antes que seja tarde!

— O melhor é descermos a corta mato e passar por aquele campo que se avista ao fundo.

No cimo do monte, toda a gente teve então oportunidade de assistir a uma cena deveras caricata.

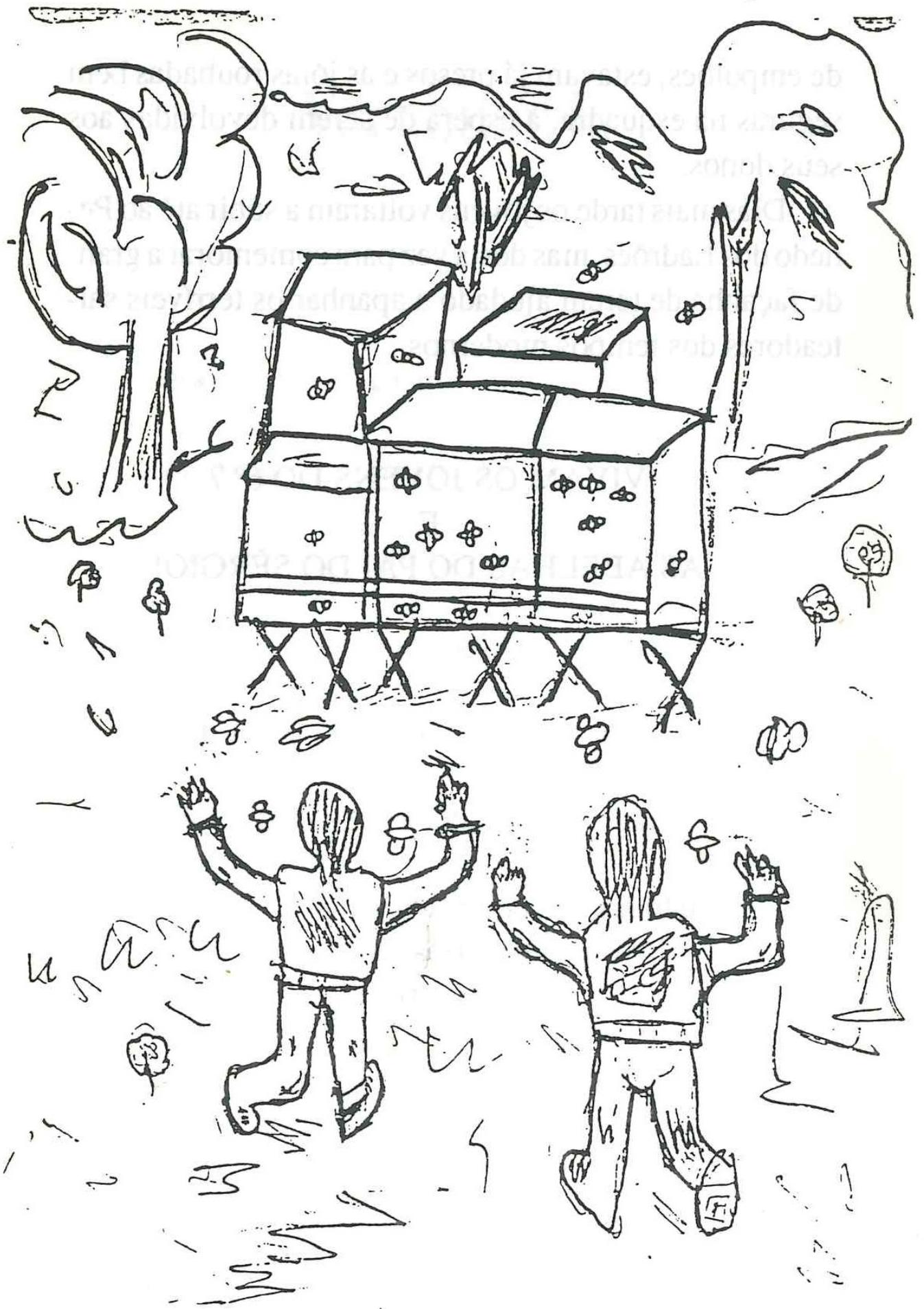
— Os palermas foram-se meter mesmo no meio das colmeias. As abelhas decerto vão atacá-los.

Alguns gritos de dor cortam os ares.

— Venham prender-nos que a gente rende-se, mas por favor, tirem-nos daqui - gritavam os bandidos.

Resumindo e concluindo: os ladrões, que eram tão maus, umas verdadeiras feras, não conseguiram dominar aqueles animaizinhos que nos dão a doçura do mel - as abelhas. Tinham pois escolhido o pior caminho para a fuga.

Passadas algumas horas, os ladrões de caras cheias



de empoções, estavam já presos e as jóias roubadas bem seguras na esquadra, à espera de serem devolvidas aos seus donos.

Dias mais tarde os jovens voltaram a subir até ao Penedo dos Ladrões, mas desta vez para comemorar a grande façanha de terem ajudado a apanhar os terríveis saltadores dos tempos modernos.

VIVAM OS JOVENS DO 6º 7
E
AS ABELHAS DO PAI DO SÉRGIO!

Vocabulário

crasto — **castro**

barrosas — **barrosãs**

barrégo — **grito**

clipe — **eucalipto**

feitos — **fetos**

pica o boi — **trabalhar**

Píxide — **vaso em que se guardam
as hóstias ou partículas
consagradas**

Como surgiu a ideia de escrever este livro?

Este trabalho foi elaborado nas aulas de Português e de Educação Visual pela turma 7 do 6º Ano da Escola Preparatória de Barcelinhos.

Aqui vai a sua história e a de uma turma de 29 alunos, com idades compreendidas entre 12 e 14 anos, revelando dificuldades de expressão e pouca motivação para a produção de textos escritos, que era necessário superar de uma forma agradável.

Não vou dizer que foi tarefa fácil. Era necessário dominarem determinados conteúdos gramaticais e de estrutura da narrativa ainda não assimilados por muitos alunos. Contudo verifiquei que, enquanto construíamos os textos, esses conteúdos foram sendo abordados de uma forma muito participada, fruto das necessidades do momento.

Pedi aos alunos que, durante o fim de semana, fizessem uma recolha do património cultural da sua freguesia, tanto a nível de locais interessantes a visitar como de histórias que eles achassem engraçadas.

Os trabalhos foram analisados na aula e concluiu-se que os alunos de Airó tinham feito uma boa recolha de elementos, talvez por haver na turma bastantes alunos daquela freguesia.

Resolvemos em seguida ir conhecer os locais onde se passaria a história. Foi num belo dia das férias da Páscoa que subimos o monte de Airó e percorremos todos os locais de que o livro fala, tirando fotografias. Logo ali se foi delineando a estrutura da história que queríamos escrever. Todas as histórias da sua predilecção foram ali mencionados, e decerto que escritoras como Enid Blyton, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada deram um grande contributo para este trabalho, por serem as escritoras preferidas pelos alunos nas horas de biblioteca de turma.

Depois das férias, começámos então a escrever o texto do livro. Fizemos um plano em que estabelecemos escrever sete capítulos. Os alunos dividiram-se em sete grupos e escreveram os textos iniciais.

Quando este trabalho ficou concluído, voltámos a formar novos grupos, diferentes dos anteriores, com o objectivo de corrigir e enriquecer os capítulos. Havia necessidade de incluir descrições de paisagens e de pessoas e alguns dos capítulos necessitavam de ter uma ligação mais estreitas com os anteriores. Daí resultou termos incluindo mais dois capítulos, nos quais todo os alunos tiveram oportunidade de dar as suas opiniões.

Simultaneamente, foi necessário fazer os desenhos e, para isso, o professor de Educação Visual deu um importante contributo, tendo disponibilizado as suas aulas com a turma para este trabalho.

Houve ainda várias pesquisas que foram feitas para complementar os textos. Gravações de lendas, contadas por pessoas de Airó e de Moure, consulta de livros como

por exemplo a obra do Dr. Teotónio da Fonseca “Barcelos - Além Cávado” e a Barcellos Revista onde se encontra um artigo intitulado “O Outeiro do Castro em Airó” da autoria da Dra. Teresa Soeiro e até uma visita à Sé de Braga e ao seu Tesouro.

Foi um trabalho que entusiasmou os alunos de uma maneira que eu nem contava que acontecesse e que me deixou grande vontade de repetir.

Espero que os leitores tenham tanto prazer ao ler estes textos como nós tivemos ao produzi-los.

A professora de Português

Ana Maria Trigueiros

Os alunos que participaram na elaboração deste livro pertencem à turma 7 do 6º Ano e são os seguintes:

- 1 - Alcina Maria Matos Queirós - 12 anos
- 2 - Ana Marta Coelho da Silva Ferreira - 14 anos
- 3 - António José Barroso Lopes - 12 anos
- 4 - Angelo Manuel Ferreira Cardoso - 14 anos
- 5 - Carla Marisa Vilas Boas Magalhães - 12 anos
- 6 - Cidália de Jesus da Costa Dias - 11 anos
- 7 - Fernando João Alves Ferreira - 13 anos
- 8 - João Paulo Azevedo de Sousa - 12 anos
- 9 - José Carlos Oliveira Barbosa - 14 anos
- 10 - José Oliveira da Costa - 13 anos
- 11 - Manuel Fernando Oliveira da Costa - 14 anos
- 12 - Maria Isabel dos Santos Peixoto - 12 anos
- 13 - Maria Júlia Coelho da Silva Ferreira - 13 anos
- 14 - Maria Marlene Carvalho Gomes - 13 anos
- 15 - Nuno André Araújo Barbosa - 12 anos
- 16 - Paula Cristina Novais da Cunha - 12 anos
- 17 - Paulo Jorge Carvalho Ferreira - 13 anos
- 18 - Paulo José Oliveira Barbosa Pereira - 13 anos
- 19 - Olga Gonçalves Ferreira de Matos - 11 anos
- 20 - Pedro Manuel Neto Campos - 13 anos
- 21 - Ricardo António Loureiro Vale - 12 anos
- 22 - Sandra Maria de Araújo Faria - 12 anos
- 23 - Sandra Maria de Sousa Santa Marinha - 12 anos
- 24 - Sara Manuela Costa Ramalho - 12 anos
- 25 - Sérgio Ilidio Fonseca de Sousa - 13 anos
- 26 - Silvia Mano dos Reis - 12 anos
- 27 - Sónia Filipa Barroso Lima - 12 anos
- 28 - Susana Marlene Rodrigues Faria - 12 anos
- 29 - Vítor Domingos de Sá Azevedo - 13 anos

E ainda o aluno do 6º 9 - Henrique Ferreira da Silva de 13 anos, que subiu connosco o monte de Airó e deu valiosas ideias para o desenvolvimento da história.

Os nossos maiores agradecimentos são:

Para os professores

- José Manuel Alegria Gonçalves Ribeiro, que supervisionou todo o trabalho de gravuras.
- Maria José da Silva Barbosa da Costa Lopes e João Borges Gomes que ajudaram na verificação e correcção dos textos.

Outros

- Sr Agostinho Barbosa Pereira, pelas informações que nos deu sobre Airó e por nos ter deixado visitar a capela da Quinta do Conde.
- Sr Joaquim Castanheira, pelas lendas e histórias que contou ao seu neto e que se encontram nas páginas deste livro.
- Sr Joaquim, pelo tempo perdido com as gravações de alguns acontecimentos sobre Airó.

Para as entidades que patrocinaram a impressão deste livro.

CAMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
MOVEIS FERREIRA DA COSTA - AIRO
DOMINGOS ILIDIO RAMOS DE OLIVEIRA - TALHO DE AIRO
DROGARIA PENSAL
SERRALHARIA FERNANDO BARBOSA PEREIRA - AIRO
VIDRARIA DE AIRO
JUNTA DE FREGUESIA DE AIRO
VINHOS QUINTA DO BOSQUE DE DR FRANCISCO TRIGUEIROS
ARCOSEX - FABRICA DE MALHAS - BARCELOS
BANCO FONSECAS E BURNAY - BARCELOS
COMPUCEL - COMPUTADORES E INFORMATICA DE BARCELOS
CLUBE DE VIDEO " O FIXE LDA " - BARCELOS
ARAUJO E LOPES LDA - AUTOMOVEIS LADA - BARCELOS
SUPERMERCADO SAO JOSE - BARCELOS
RESTAURANTE ALCAIDE - BARCELOS
MANUEL AUGUSTO MARTINS FERNANDES E FILHOS LDA
ENG JOSE JULIO TRIGUEIROS
PAIS DOS ALUNOS DA TURMA 7 DO 6o ANO

(Lamentamos que a Associação de Pais desta escola não tenha podido colaborar nesta actividade e esperamos poder contar com ela em iniciativas futuras)

**TRABALHO ELABORADO PELOS ALUNOS
DA TURMA 7 DO 6º ANO COM A
COLABORAÇÃO DOS PROFESSORES DE
PORTUGUÊS, ANA MARIA TRIGUEIROS
E DE EDUCAÇÃO VISUAL,
JOSÉ MANUEL RIBEIRO.**



ESCOLA PREPARATÓRIA DE B

ANO LECTIVO DE 1991

biblioteca
municipal
barcelos



26955

À descoberta de Airó